

Aspectos históricos e conceituais da etnoornitologia

Gilmar Beserra de Farias¹
Ângelo Giuseppe Chaves Alves^{2*}

¹Universidade Federal de Pernambuco/Centro Acadêmico de Vitória
Rua Alto do Reservatório, Bela Vista, CEP 55.608-680, Vitória de Santo Antão – PE

²Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Biologia/Área de Ecologia
Rua D. Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos, CEP 52.171-900, Recife – PE

*Autor para correspondência
agcalves@db.ufrpe.br

Submetido em 09/05/2006
Aceito para publicação em 15/09/2006

Resumo

A etnoornitologia descreve e analisa os conhecimentos e as práticas das populações locais, permitindo uma compreensão das relações entre humanos e aves. Realizou-se uma revisão histórica sobre etnoornitologia, com o objetivo de descrever e organizar o conhecimento etnoornitológico, bem como identificar fases no desenvolvimento deste campo de pesquisas no Brasil. A etnoornitologia surgiu na década de 1880 em trabalhos de inventários das espécies de aves, nomes vernáculos, usos, significados e histórias, evoluindo para estudos mais abrangentes. No Brasil, ela foi caracterizada pela *fase dos inventários* e pela *fase multidisciplinar*. Diversos campos do conhecimento formal auxiliaram no desenvolvimento da etnoornitologia, tais como antropologia, taxonomia, mitologia, história, etimologia, bioclimatologia, semiótica, morfologia e ecologia, contribuindo para relativizar os limites entre as ciências naturais e as sociais.

Unitermos: etnoornitologia, Brasil, nomes vernáculos, aves, conhecimento local

Abstract

Historical and conceptual aspects of ethno-ornithology. Ethno-ornithology describes and analyzes the knowledge of local people, providing a comprehension of the relationships between humans and birds. This work consists of an historical review on ethno-ornithology. Its main objective was to describe and organize the ethno-ornithological knowledge in Brazil, as well as to identify phases in the development of this field of research in Brazil. Ethnoornithology emerged in the 1880s from inventories of bird species and also studies on vernacular names, uses, meanings and histories, evolving into comprehensive studies. In Brazil, it was marked by two stages: a phase of inventories and a multidisciplinary phase. Many different fields of formal knowledge helped in the development of ethno-ornithology, such as anthropology, taxonomy, mythology, history, etymology, bioclimatology, semiotics, morphology, and ecology, contributing towards the mediation of the limits between natural and social sciences.

Key words: ethno-ornithology, Brazil, vernacular names, birds, local knowledge

Introdução

Estudos sobre o conhecimento popular ou local sobre as aves e suas relações com o comportamento humano ainda são poucos no Brasil. De modo geral, faltam investimentos e esforços no campo da etnoornitologia, embora esse seja um campo de pesquisa promissor, que pode revelar informações biológicas sobre as aves através do conhecimento de inúmeras populações humanas, sejam elas indígenas, tradicionais ou campesinas. A etnoornitologia tem sido pesquisada tanto por profissionais das ciências naturais como das ciências sociais, utilizando instrumentos de pesquisa dessas duas áreas. Essa comunhão já havia sido estabelecida por Carrara (1996), quando afirmou que o conhecimento não formal da natureza pode ser compreendido pela antropologia em pesquisas interdisciplinares com a biologia. Sabe-se que as etnociências buscam descrever e analisar o conhecimento local, realizando eventualmente comparações e articulações com o conhecimento praticado e aceito nos meios acadêmicos.

Considerando a inexistência e a necessidade de análises aprofundadas sobre os aspectos conceituais e históricos da etnoornitologia no Brasil, realizou-se este trabalho, cujos objetivos foram: 1) fazer uma revisão histórica sobre as abordagens que têm sido empregadas na pesquisa etnoornitológica e 2) descrever e organizar o conhecimento etnoornitológico, visando identificar fases no desenvolvimento deste campo no Brasil.

Definindo a etnoornitologia

As etnociências são campos de conhecimento associados às disciplinas academicamente consolidadas, e que utilizam o prefixo "etno" para anunciar que o elemento humano está obrigatoriamente representado e inserido nestes estudos. Explorando o conhecimento local sobre aves de algumas sociedades de Brunei (sudeste

da Ásia), o antropólogo americano Allen Maxwell publicou em seu artigo *Kedayan ethno-ornithology – a preliminary report*, em 1969, a seguinte definição para etnoornitologia: "termo que indica como uma 'nação' particular ou grupo étnico vê, percebe, classifica, nomeia e em geral se relaciona com as aves" (Maxwell, 1969). Essa definição parece voltada exclusivamente para grupos indígenas, etnias especificamente identificadas, grupos culturais "isolados". Por essa razão, sugere-se, neste trabalho, uma definição mais abrangente para a etnoornitologia: conjunto de *estudos em que se busca compreender as relações cognitivas, comportamentais e simbólicas entre a espécie humana e as aves*. Essas relações podem ser reveladas através de estudos sobre nomes vernáculos, usos, caça, lendas, poesias, rituais, símbolos, música, vocalização e classificação das aves. Uma das abordagens possíveis em etnoornitologia é a articulação entre os enfoques emicista e eticista¹, conforme sugerido para outros campos da pesquisa etnocientífica (Marques, 1995; Alves e Marques, 2005).

A história da etnoornitologia

Até recentemente, predominava a informação de que a etnoornitologia tivesse surgido em 1969 (Cardona, 1985 apud D'Olne Campos, 2002), fato erroneamente estabelecido. Ela foi definida em 1969, porém o seu surgimento aconteceu no final do Século XIX, na década de 1880. Nos Estados Unidos, a etnoornitologia surgiu por meio de estudos específicos sobre o conhecimento indígena a respeito das aves. É da autoria do ornitólogo americano Wells W. Cooke o primeiro trabalho com uma abordagem exclusivamente etnoornitológica de que se tem conhecimento, *Bird nomenclature of the Chippewa Indians*, publicado no periódico *Auk*, em 1884. O autor apresentou uma lista com os nomes científicos, vernáculos² e indígenas de 126 espécies de aves,

¹ Comparando essas abordagens, Harris (2000) salienta que a primeira constitui-se de descrições e interpretações que enfatizam o ponto de vista dos participantes, enquanto nesta última enfatiza-se o ponto de vista dos observadores. Assim, os enunciados emicistas descrevem os sistemas sociais de pensamento e comportamento cujas distinções, entidades ou fatos se constituem de contrastes e discriminações percebidos pelos próprios participantes como similares ou diferentes, reais, representativos, significativos ou apropriados. Os enunciados eticistas, por sua parte, dependem de distinções consideradas apropriadas por uma comunidade de observadores com instrução científica formal.

² Neste artigo, as expressões popular, local, indígena e vernáculo ou comum para os nomes das aves assumem significados distintos: *nome popular* – amplamente disseminado; *nome local* – fundamentado no local, na cultura e na ecologia regional; *nome indígena* – culturalmente integrado, de pequenos grupos (adaptado de Antweiler, 1998); *nome vernáculo ou nome comum* – nome não formal, não científico.

constatando que as aves mais conhecidas e melhor descritas pelos indígenas eram aquelas abatidas para alimentação e que o significado etimológico dos nomes geralmente se referia à descrição morfológica das aves ou de seus hábitos (Cooke, 1884). Na mesma década, o médico e etnologista americano Walter J. Hoffman também estudou o conhecimento de povos indígenas americanos, coletando informações sobre o significado dos nomes indígenas de aves. Para os índios, o tamanho era o principal critério de classificação e todas as aves de rapina poderiam ter um único nome genérico baseado em valores culturais (Hoffman, 1885). Os índios americanos Moki (Arizona) demonstraram também uma forte relação e conhecimento sobre aves de rapina. Eles utilizavam suas penas em cerimônias religiosas e no comércio local como um artigo de valor (Mearns, 1896).

A expressão "etnoornitologia" foi publicada pela primeira vez no trabalho *Bird nomenclature and song interpretation of the Canadian Delaware: an essay in ethno-ornithology*, do antropólogo americano Frank G. Speck, em 1946. Este autor descreveu um conhecimento taxonômico etnoornitológico com relatos de associações espirituais do povo de Delaware, no Canadá, revelando que os nomes geralmente eram descritivos ou onomatopaicos (Speck, 1946). Histórias dos povos indígenas Cherokee (Estados Unidos) revelaram relações entre humanos e aves em cerimônias e na cultura geral, sugerindo que essas informações são elementos importantes para a compreensão das suas tradições Witthoft (1946a). Nessa cultura, as aves assumiam importante significado na religião, em medicamentos e nas tradições, mas era na alimentação que ocorria a relação mais intensa. De acordo com Witthoft (1946b), houve uma diferença significativa entre as espécies observadas pelos pesquisadores e a amplitude do conhecimento local acumulado ao longo das gerações, indicando um impacto negativo da caça e da coleta de ovos na perpetuação do conhecimento local sobre as aves. O termo etnoornitologia foi novamente utilizado em 1963, quando o antropólogo Edmond Ladd apresentou sua tese *Zuni ethno-ornithology*, na Universidade do Novo México. Foram apresentadas 45 espécies de aves importantes para o povo Zuni (Novo México), principalmente na alimentação e em cerimônias da cultura local (Ladd, 1963).

Na década de 1960, começaram a surgir pesquisas lingüísticas relacionadas ao conhecimento local sobre aves. Em Flores (Indonésia), a partir de pesquisas sobre fonemas da língua Manggarai em nomes de aves, foi apresentada uma lista de nomes com origem onomatopaica (Verheijen, 1963). Em Brunei, algumas sociedades de língua Kedayan percebiam, classificavam, e nomeavam os pássaros que habitualmente observavam, permitindo o estabelecimento do significado individual para as palavras na língua local (Maxwell, 1969). A compreensão da cultura local destaca-se como um componente indispensável para o pesquisador no entendimento das relações entre seres humanos e aves. A ave cassuar *Casuarus casuarus* tem uma importante posição de destaque para o povo Kalam, na Nova Guiné (Indonésia), baseada principalmente em fatores de ordem social e cultural, como em concepções cosmológicas (Bulmer, 1967). As aves também podem ser utilizadas para expressar e comunicar sentimentos profundos, recodificando os princípios míticos, conforme observado no povo Kaluli, na Nova Guiné (Feld, 1977 e 1982).

A partir da década de 1980, houve um crescente interesse dos cientistas sociais em entender como os diversos povos classificavam as aves. Neste sentido, Berlin et al. (1973) estabeleceram alguns princípios universais de nomenclatura e categorização dos seres vivos, utilizando comparações entre os levantamentos das classificações locais vigentes em várias sociedades. Posteriormente, estes princípios foram aplicados em diversos estudos sobre aves, como, por exemplo, no norte do Peru, onde Berlin et al. (1981) observaram que os Aguaruna identificaram e classificaram as aves por meio da percepção de saliências em cada táxon, demonstrada pelo tamanho da ave, por características de coloração de plumagem, frequência de observação e de vocalização, fatores que contribuíram para a sua detecção. Naquele contexto, aves com baixa saliência perceptível teriam menor possibilidade de classificação. Boster et al. (1986), por sua vez, analisaram o padrão de discordância na classificação de aves praticadas por três grupos independentes de classificadores no Peru: os Aguaruna, os Huambisa e ornitólogos ocidentais. Encontrou-se, nesse caso, um mesmo padrão de semelhanças entre os táxons ordenados, sugerindo que os humanos usam procedimen-

tos classificatórios universalmente semelhantes para ordenar o meio natural.

Hage e Miller (1976), analisando a classificação de aves pelo povo indígena Shoshoni (Estados Unidos), sugeriram uma reavaliação das categorias etnotaxonômicas estabelecidas por Berlin e colaboradores. Assim, em 1992, o modelo "berliniano" de classificação foi revisado (Berlin, 1992) e, posteriormente, amplamente utilizado no entendimento da estrutura interna das categorias hierárquicas e em comparações com a taxonomia científica. Nomes comuns em inglês para aves britânicas também são utilizados pelos americanos para outras espécies de aves taxonomicamente próximas, típicas dos Estados Unidos, sugerindo uma justaposição entre o conhecimento vernáculo e a classificação científica lineana, conforme verificado por Brown (1992).

Em algumas categorias de aves, certas saliências estariam relacionadas a rituais, mitos ou augúrios, sendo estes fatores conectados à classificação etnoornitológica no leste de Sumba, na Ásia (Forth, 2000). Nas populações Aguaruna e Huambisa (Peru), parte principal do vocabulário relativo às aves é de origem onomatopaica e seu estudo poderia auxiliar na compreensão da linguagem e complexidade cultural desses povos (Berlin e O'Neil, 1981).

A etnotaxonomia e o mito foram estabelecidos como elementos de igual significado cultural ao se estudar as representações que o povo Maring (Nova Guiné) tinha sobre as aves-do-paraíso, buscando uma possível conexão simbólica entre aves e humanos (Healey, 1993). O autor percebeu que o discurso local mítico sobre esta ave estava repleto de metáforas e sugeriu que trabalhos de etnotaxonomia deveriam valorizar mais as interpretações simbólicas. Ainda na Nova Guiné, estudos científicos articulados com o conhecimento local auxiliaram o esclarecimento sobre a presença de substâncias tóxicas em aves do gênero *Pitohui* (Dumbacher et al., 1992; Diamond, 1994; Dumbacher, 1999). Antes dessa descoberta, relatos locais sobre aves venenosas já tinham sido publicados há 15 anos (Majnep e Bulmer, 1977), reforçando o argumento de que os "não cientistas" também são excelentes observadores dos fenômenos naturais. Um outro exemplo aconteceu em Shangani (Zimbabwe), quando ornitólogos investigaram a história local de um

pássaro denominado *graeter honeyguide* (*Indicator indicator*) que conduzia os humanos no caminho para se chegar a colméias cheias de mel (Chiweshe e Dale, 2000). Na Papua Nova Guiné, existe uma relação entre os cantos das aves e os humanos da etnia Kaluli, de modo que os cantos marcam as estações do ano, os ciclos vegetacionais e os períodos migratórios (Feld, 1996 apud Marques, 1999).

Os sons produzidos por algumas espécies podem ter uma conotação espiritual em certas etnias. Neste sentido, Forth (1998) estudou a relação do povo Nage, no leste da Indonésia, com o nome onomatopaico "*po*", como parte de uma classificação etnoornitológica. Naquele contexto, "*po*" representaria uma classe de sons noturnos atribuídos a corujas e aves de rapina que, por sua vez, estariam relacionadas a espíritos malévolos, servindo como critério para classificá-las em "aves bruxas", observando-se neste caso uma conexão simbólica.

De fato, as aves podem ter inúmeras representações simbólicas em diversas sociedades, como por exemplo, os valores culturais e antropológicos apresentados na *Odisseia*, de Homero, na qual foram identificadas 21 espécies que permitiram uma melhor compreensão dos simbolismos das aves nesta obra (Friedrich, 1997). Algumas aves consideradas decorativas são abatidas e utilizadas para adornar os jovens Massai (África) em rituais de circuncisão, representando simbolicamente a morte e o renascimento durante estes rituais (Galaty, 1998). O povo Tembo (República Democrática do Congo, África), utiliza as aves na medicina e na alimentação, como instrumentos de rituais ou práticas de magia, socorro divino e referência a tradições orais ou provérbios (Kizungu et al., 1998). Para o povo Mbuti, ainda na República Democrática do Congo, as aves também podem ser consideradas indicadoras de um mundo invisível (Ichikawa, 1998). Nessa etnia, constatou-se que as aves ocupam uma porção desprezível na dieta e atividades de subsistência, tendo maior importância nos rituais como mediadoras entre os humanos e o mundo invisível.

No Xamanismo Siberiano, as aves também são utilizadas na simbologia, principalmente após a abertura política soviética, na década de 1980. Durante os rituais, alguns dos ornamentos dos xamãs simbolizavam aves emplumadas, ossos de aves e várias formas de aves

como ajudantes espirituais. As aves também teriam emprestado para os xamãs suas qualidades e nomes, como a águia que teria cedido sua resistência e seu olhar penetrante e o grou-branco que teria inspirado a denominação *white crane-shaman*, representando o sacrifício, a raridade e a proteção às aves, associada a feminilidade, a graça divina e ao equilíbrio sazonal (Balzer, 1996).

Além das relações taxonômicas e simbólicas, a etnoornitologia também se expressou por meio da visão utilitarista e ainda por histórias locais sobre aves. No Alasca, por exemplo, as crianças, antes da iniciação nas atividades de caça, podem aprender com os avós a observar e a identificar as aves, visando um melhor aproveitamento nas formas de captura e de coleta de ovos para alimentação, assim como na domesticação, no uso da pele, penas, ossos e na medicina local (Russell e West, 2003). Por meio de registros de histórias sobre aves, a diversidade biológica e cultural, a ética ambiental e social, o conhecimento ecológico tradicional e a cosmovisão dos povos Yagane (Chile) e Mapuche (Argentina) puderam auxiliar na compreensão do conhecimento ecológico local como uma forma de contribuir na condução de uma convivência respeitosa entre humanos e as aves (Aillapan e Rozzi, 2004; Rozzi, 2004).

A etnoornitologia apresentou-se em trabalhos que, inicialmente, demonstraram interesse em inventariar as espécies de aves, utilizando num primeiro momento os nomes locais, assim como seus significados, usos e histórias, evoluindo para estudos mais abrangentes. Dessa forma, faz-se necessária uma rápida análise sobre o uso e origens da nomenclatura vernácula para as aves e sua relação com a etnoornitologia, pois não deixa de ser uma forma simples e significativa de entender como as diversas sociedades constroem suas representações culturais sobre as aves.

A importância da nomenclatura local como instrumento de compreensão cultural na etnoornitologia

No Reino Animal, as aves são, sem dúvida um dos grupos mais conhecidos e as pessoas costumam conferir-lhes nomes que geralmente se relacionam com características marcantes como comportamento, forma, cor

ou manifestações sonoras. Para Sick (1997, p. 139) "um nome popular antigo, arraigado, passa de pai para filho, não muda nunca". Neste sentido, Andrade (1985) afirmou que os nomes populares podem ser transferidos por tradição oral, tornando-se uma denominação consagrada pelo uso. Um mesmo nome pode ser utilizado em uma dada cultura para várias espécies de aves ou uma espécie pode apresentar dezenas de nomes comuns. Por isso, no início do século XX, nos Estados Unidos, algumas regras foram sugeridas para o estabelecimento e a criação de nomes vernáculos técnicos das aves (Doran, 1903; Stone, 1920; Eisenmann e Poor, 1946). Os defensores dessas regras tinham o objetivo aparente de padronizar uma lista com os nomes vernáculos já utilizados pela população, assim como criar nomes técnicos não-lineanos. Por outro lado, é necessário reconhecer que o nome comum geralmente tem uma origem complexa, podendo ser compreendido e explicado através da observação da cultura dos respectivos povos (Griscom, 1947), conforme observado em Trotter (1909), Balzer (1996), Galaty (1998), Kizungu et al. (1998) e Ichikawa (1998), por exemplo. Mesmo assim, existe uma tendência estabelecida mundialmente, no sentido de padronizar listas de nomes vernáculos técnicos de aves. A chamada "lista padrão" já foi organizada em muitos países, como Estados Unidos, Argentina, Chile (Vuilleumier, 1999) e Espanha (Clavell et al., 2005) ou para regiões como o Paleártico Ocidental (Costa et al., 2000). Nesse último caso, os autores justificaram seu trabalho chamando atenção para uma necessária "precisão vocabular como condição imprescindível para a comunicação e troca de informações", como se esta condição já não tivesse sido estabelecida no *Sistema Naturae*, de Linnaeus.

Vuilleumier (1999) reconhece a existência de um forte efeito negativo na padronização dos nomes comuns, como a perda das tradições na linguagem local, mas mesmo assim, defende fortemente essa padronização. Equivocadamente, o mesmo autor considerou o Brasil como um dos países que já têm essa situação de padronização estabelecida. Os nomes comuns de aves do Brasil são de origem ibérica ou indígena e geralmente são designações regionais estabelecidas por meio das culturas locais e das tradições orais (Ihering, 1899; Garcia, 1929; Vieira, 1936).

Existem muitas publicações que apresentam nomes comuns de aves brasileiras (Pinto, 1978; Frish, 1981; Andrade, 1985; Santos, 1990; Willis e Oniki, 1991); porém, ainda não existe uma lista geral (padronizada) desses nomes. Em 1985, teve início um projeto para elaborar uma lista de nomes comuns de aves brasileiras e o resultado deste projeto foi publicado em *Nomes gerais para as aves brasileiras* (Willis e Oniki, 1991). Mesmo existindo tantas opções bibliográficas acerca dessa nomenclatura, que podem, inclusive, induzir o pesquisador a uma padronização, muitas listas foram publicadas posteriormente, com diferentes nomes comuns como, por exemplo, Belton (1994) e Farias et al. (1995), o que reflete uma crescente e consciente valorização da riqueza cultural e lingüística do Brasil.

Desta forma, pode-se perceber que a etnoornitologia teve sua origem fortemente atrelada aos nomes vernáculos, evoluindo para uma compreensão da diversidade cultural em várias sociedades. No Brasil, não foi diferente, a etnoornitologia surgiu por meio de inventários de aves em que se coletaram e publicaram oportunamente os nomes locais.

As fases da etnoornitologia no Brasil

Os trabalhos sobre as riquezas naturais dos primeiros séculos de colonização, em que os autores organizaram uma relação de nomes locais para os animais ou simplesmente colecionaram histórias e lendas contadas pelo povo, contribuíram, de certa forma, na construção do conhecimento sobre as aves brasileiras. Embora não devam ser considerados trabalhos etnoornitológicos propriamente ditos, eles continham informações de interesse etnoornitológico. Neste sentido, têm importância histórica, pois mostraram que, antes que surgissem as ciências sociais ou as etnociências, algumas pessoas tiveram a iniciativa pioneira de registrar informações sobre o conhecimento ornitológico local em diversos ambientes. Mostraram também que, nos primórdios da "ciência", não havia uma separação tão rígida entre os saberes formal e local. Em inventários faunísticos realizados no Brasil colônia, percebeu-se a preocupação dos auto-

res em classificar as aves e destacar os seus usos e hábitos, mas nenhum tratou com exclusividade o conhecimento indígena sobre as aves como assunto principal.

O conhecimento local sobre as aves no Brasil foi apresentado inicialmente como "dados curiosos" em meio a pesquisas ornitológicas específicas, em compilações, inventários e coleções de aves. Assim como nos Estados Unidos, a etnoornitologia brasileira começou a emergir também na década de 1880, estando o conhecimento do povo estabelecido em coletâneas de nomes e histórias locais, em trabalhos específicos sobre aves, caracterizando o início da fase dos inventários.

Em 1880, William Alexander Forbes, ornitólogo londrino, realizou observações de aves no Sertão e na Zona da Mata de Pernambuco e os seus resultados foram publicados apresentando o seu itinerário e as descrições sobre as aves observadas e coletadas, assim como o nome local para 52 espécies. Estes nomes locais foram coletados provavelmente com as pessoas ou caçadores que o acompanharam durante os trabalhos de campo (Forbes, 1881). Nesse artigo, Forbes citou um dos memes³ mais conhecidos, o da lavadeira *Fluvicola nengeta*, na qual a ave supostamente teria feito um favor a Virgem Maria e seria um ato de sacrilégio matá-la, e pôde observar e entender que por conta desta "imunidade" cultural ela era excepcionalmente abundante. Esta informação exemplifica como é possível esclarecer certas modificações no ambiente natural por meio da compreensão da cultura local.

Um outro trabalho que caracterizou esta fase pioneira foi o de Goeldi (1894), que listou inúmeros nomes comuns e histórias de origem popular de várias regiões do país. Ainda no século XIX, Inhering (1899) registrou os nomes vernáculos para as aves do Estado de São Paulo, acreditando que seria dever dos naturalistas contribuir para a apuração e codificação da língua brasileira, já que as denominações das aves eram em grande parte tiradas da língua tupi-guarany. Neste contexto, essa observação de Inhering pode ser perfeitamente considerada como o prenúncio de uma etnoornitologia mais complexa, envolvendo a compreensão lingüística a

³ Memes são informações culturais armazenadas pelo indivíduo e transmitidas oralmente. Segundo Dawkins (1989, p.277) o meme é definido como "uma entidade capaz de ser transmitida de um cérebro para outro". O conceito de meme já foi usado em estudos etnoecológicos por Marques (1995).

partir de nomes populares de aves. Estudos etnológicos sobre as origens das histórias sobre as aves foram publicados por Teschauer (1925), acreditando que através das lendas e mitos seria possível perceber a índole e o caráter de um povo. Ainda nesta perspectiva, trabalhos como os de Santos (1960, 1990) e Nomura (1996) se destacaram pelo primoroso cuidado em reunir um grande número de referências que praticamente esgotou o assunto, esmiuçando o folclore ornitológico nacional.

A constatação de que um mesmo nome comum poderia ser utilizado para várias espécies de aves e que estes nomes teriam origem a partir de aspectos relacionados ao seu aspecto morfológico, canto, comportamento e histórias populares, despertou o interesse dos pesquisadores sobre a necessidade de se registrar, compilar e esclarecer a etimologia destes nomes. Neste sentido, Garcia (1929) realizou um estudo etimológico e etnológico para algumas aves brasileiras, organizando um vocabulário de nomes comuns de origem Tupi. Vieira (1936), por sua vez, elaborou uma lista de nomes vernáculos associados ao seu correspondente científico, indicando as regiões onde eram utilizados.

Trabalhos publicados por investigadores sem instrução formal em ornitologia permitiram resgatar importantes informações sobre as aves de determinadas regiões. Por exemplo, um fazendeiro e naturalista amador publicou o livro *Aves da Paraíba* (Zenaide, 1953) a partir de suas anotações de caçador. Estas anotações descreveram 179 espécies, destacadas principalmente pelo nome local, comportamento, plumagem, canto e hábitat. Posteriormente, Pacheco e Rajão (1993) analisaram as informações detalhadas sobre as espécies registradas por Zenaide (1953), comparando-as com as informações academicamente aceitas, e puderam acrescentar 48 espécies à lista de aves da Paraíba, sendo que algumas delas não existiam mais no estado (Pacheco, 2000). Os *Catálogos das Aves Brasileiras* de Pinto (1938, 1944 e 1978) foram muito importantes para a construção da etnoornitologia, apresentando nomes vernáculos e as localidades onde foram coletados. Nesta prática etnoornitológica por meio de inventários, uma outra contribuição de destaque foi a compilação das espécies de aves registradas no estado de Pernambuco, contendo todos os nomes científicos formais e todos os seus cor-

respondentes locais (Farias et al., 2000). Esse trabalho teria maior importância para a etnoornitologia se não houvesse omitido os porquês dos diversos nomes locais, revelando possíveis e específicas relações entre os humanos e as aves nos ecossistemas.

Considera-se, nesta revisão, que o marco inicial da **fase multidisciplinar** da etnoornitologia no Brasil foi o trabalho de Jensen (1985) estudando sistemas classificatórios de aves, realizados com grupos indígenas na região norte do Brasil. Nesse estudo, foi observado um sistema hierárquico de classificação das aves utilizando descontinuidades naturais, semelhantes a aquelas reconhecidas na sistemática Lineana, e um inédito sistema de classificação social. Giannini (1991) realizou uma pesquisa na qual indígenas nomeavam e classificavam as aves, através de princípios de sistemas classificatórios com base na morfologia, cantos, hábitat e, principalmente, por meio da compreensão dos mitos. Agrupamentos de aves organizados por Xavantes demonstraram o quanto a classificação deve ser entendida dentro de um processo mais amplo de conhecimento das espécies naturais, envolvendo seus significados simbólicos no cotidiano da aldeia para alimento, rituais, mitos e sonhos (Carrara, 1997). Por outro lado, para os índios Karajá, a tapiragem (surgimento de plumagens aberrantes amarelas entre as aves da família Psittacidae) não é uma prática "misteriosa" e não possui nenhum significado mágico ou ritualístico (Teixeira, 1992).

A investigação acerca das razões de determinados nomes comuns e científicos formais para algumas aves também foi objeto da fase multidisciplinar da etnoornitologia brasileira. Uma indagação acerca do porquê do termo *Penelope* para designar espécies de jacus possibilitou uma explicação lógica plausível para o seu nome (Teixeira, 1996). Antes, justificava-se apenas por ser o nome de uma princesa grega. A pesquisa revelou que Penélope teria dado a luz a um deus cujas sacerdotisas foram retratadas com os braços e a face cobertos por uma pintura semelhante a uma teia de aranha, padrão associado às penas do peito e da face dos jacus. O interesse em explicar o porquê do termo *Tangara* (Emberizidae) ser o nome popular para várias espécies de pássaros da família Pipridae, foi uma indagação que levou a uma análise comparativa dos primeiros trabalhos

sobre história natural do nordeste do Brasil (Pacheco, 2001). Os argumentos propostos pelo autor para explicar a associação do nome tangará para estes dois grupos de aves são baseados na história e na origem do termo, demonstrando que essa similaridade entre o gênero *Tangara* e o nome tupi tangará tem raízes históricas e culturais.

Considerações sobre uma possível relação entre o comportamento da ave fura-barreira (*Nystalus maculatus*) e a época em que os agricultores realizavam o plantio na zona rural do município de Soledade (Paraíba) foram estudadas por Medeiros-Neto et al. (1997). Nessa comunidade, acreditava-se que o canto da ave ao meio-dia anunciava a chegada da chuva e que a altura da instalação do ninho indicava o índice pluviométrico. Em outras comunidades rurais no interior da Paraíba, foi possível listar 30 espécies, para as quais os humanos relacionam o período mais intenso de vocalização com a previsão de chuva, sendo este conhecimento transmitido socialmente entre os camponeses de geração em geração (Araújo et al., 2005).

Populações de camponeses podem detectar e perceber sons de aves como parte de uma "paisagem sonora". Neste contexto, um estudo realizado por Marques (1998) na Várzea da Marituba (AL), permitiu afirmar que é possível encontrar humanos com alto grau de inteligência musical e que as vocalizações adquirem conotação cultural. Essa linha de pesquisa foi ampliada quando Marques (1999) realizou uma pesquisa para perceber o papel semiótico que as vocalizações das aves desempenham entre populações humanas em áreas rurais. O autor concluiu que os camponeses brasileiros se envolvem tradicionalmente e emocionalmente com os sons das aves. Abordagens semióticas foram realizadas por Marques (2002), caracterizando as aves dentro de uma ornitossemiótica campesina em classes funcionais, como por exemplo, ornitoatrativos (atraem seres e situações naturais e sobrenaturais). Em Uberlândia (MG), características morfológicas foram atributos principais utilizados na nomenclatura, assim como as espécies úteis e/ou danosas foram mais facilmente reconhecidas por populações do distrito rural de Miraporanga (Cadima e Marçal-Júnior, 2004). Os estudos das características biológicas, ecológicas e comportamentais das aves conhecidas na região da Área de Proteção Ambiental do rio

Mamanguape (PB), possibilitaram revelar a percepção e construção de uma taxonomia popular (Araújo, 2005).

Portanto, a fase multidisciplinar da etnoornitologia brasileira caracterizou-se como um cruzamento de conhecimentos relacionados a várias disciplinas como Antropologia, Taxonomia, Cosmogonia, Simbologia, Mitologia, História, Etimologia, Bioclimatologia, Semiótica, Morfologia, Ecologia e Etologia para compreender de modo abrangente as específicas relações das sociedades indígenas, camponesas e tradicionais com as aves e o seu fluxo de informações nos ecossistemas.

Considerações Finais

Trabalhos de etnoornitologia estudam o conhecimento local sobre as aves, possibilitando uma mínima e necessária compreensão dos processos cognitivos humanos em relação a avifauna. Assim, na construção da etnoornitologia, os trabalhos pioneiros de compilação de nomes vernáculos, nomes locais, histórias e lendas atenderam a esta necessidade, permitindo estabelecê-los como os primeiros trabalhos etnoornitológicos e deslocando o surgimento deste campo do conhecimento para a década de 1880. O desenvolvimento dos trabalhos etnoornitológicos reforçou a compreensão e a importância do diálogo entre os diversos campos do conhecimento. Uma concepção mais ampla sobre o conhecimento ornitológico não formal das diversas sociedades poderá auxiliar os observadores formais a valorizar o conhecimento popular ou local e relativizar a visão utilitarista e nominal. No Brasil, após o surgimento de uma nova tendência na etnoornitologia (fase multidisciplinar), ficou evidente a importância dos vários campos do conhecimento formal no desenvolvimento dessa abordagem, sobrepondo os limites principalmente entre as ciências naturais e as sociais. Percebe-se claramente uma tendência atual dos trabalhos acadêmicos em valorizar o desenvolvimento de um diálogo mais elaborado entre o conhecimento ornitológico formal e o conhecimento ornitológico popular ou local.

Agradecimentos

Ao CNPq pela concessão de bolsa de pesquisa ao autor principal no Programa de Ciência e Tecnologia para a Mata Atlântica. A Susan Silveira, Túlio Toscano,

Reinaldo Lucena, Diego Campos, Weber Silva, Sidnei Dantas e Ulysses Albuquerque pelo auxílio no acesso a referências bibliográficas. À Professora da UFRPE Ana Carolina B. Lins e Silva, bem como aos dois revisores anônimos, pela leitura crítica e sugestões no texto.

Referências

- Aillapan, L.; Rozzi, R. 2004. Una etno-ornitología Mapuche contemporánea: veinte poemas alados de los bosques nativos de Chile. **Ornitología Neotropical**, **15** (suppl.): 1-15.
- Alves, A. G. C.; Marques, J. G. W. 2005. Etnopedologia: uma nova disciplina? **Tópicos em Ciência do Solo**, **4**: 321-344.
- Andrade, G. A. 1985. **Nomes populares das aves do Brasil**. SOM/IBDF, Belo Horizonte, Brasil, 258pp.
- Antweiler, C. 1998. Local knowledge and local knowing: an anthropological analysis of contested 'cultural products' in the context of development. **Anthropos**, **93**: 469-494.
- Araújo, H. F. P. 2005. **Composição da avifauna e etnoornitologia em complexos estuários-manguezais no estado da Paraíba – Brasil**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, Brasil, 92pp.
- Araújo, H. F. P.; Lucena, R. F. P.; Mourão, J. S. 2005. Prenúncio de chuvas pelas aves na percepção de moradores de comunidades rurais no município de Soledade - PB, Brasil. **Interciência**, **30** (12): 764-769.
- Balzer, M. M. 1996. Flights of the sacred: symbolism and theory in Siberian shamanism. **American Anthropologist**, **98** (2): 305-318.
- Belton, W. 1994. **Aves do Rio Grande do Sul: distribuição e biologia**. Unisinos, São Leopoldo, Brasil, 584pp.
- Berlin, B. 1992. **Ethnobiological classification: principles of categorization of plants and animals in traditional societies**. Princeton University Press, Princeton, USA, 335pp.
- Berlin, B.; Boster, J. S.; O'Neill, J. P. 1981. The perceptual bases of ethnobiological classification: evidence from Aguaruna Jívaro ornithology. **Journal of Ethnobiology**, **1** (1): 95-108.
- Berlin, B.; Breedlove, D.; Raven, P. 1973. General principles of classification and nomenclature in folk biology. **American Anthropologist**, **75**: 214-242.
- Berlin, B.; O'Neill, J. P. 1981. The pervasiveness of onomatopoeia in Aguaruna and Huambisa bird names. **Journal of Ethnobiology**, **1** (2): 238-261.
- Boster, J.; Berlin, B.; O'Neill, J. 1986. The correspondence of Jivaroan to scientific ornithology. **American Anthropologist**, **88** (3): 569-583.
- Brown, C. H. 1992. British names for american birds. **Journal of Linguistic Anthropology**, **2** (1): 30-50.
- Bulmer, R. 1967. Why is the cassowary not a bird? A problem of zoological taxonomy among the Karam of the New Guinea Highlands. **Man, New Series**, **2** (1): 5-25.
- Cadima, C. I.; Marçal-Júnior, O. 2004. Nota sobre etnoornitologia na comunidade do Distrito Rural de Miraporanga, Uberlândia, MG. **Bioscience Journal**, **20** (1): 81-91.
- Carrara, E. 1996. Pesquisa em etno-ornitologia: o conhecimento indígena das aves (nomenclatura e classificação). **Anais do V Congresso Brasileiro de Ornitologia**, Campinas, Brasil, p.23-28.
- Carrara, E. 1997. **Tsi Tewara: um vôo sobre o Cerrado Xavante**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Brasil, 218pp.
- Chiweshe, N. C.; Dale, J. 2000. A merry-go-round story of a Greater Honeyguide. **Honeyguide**, **46** (2): 167-169.
- Clavell, J.; Copete, J. L.; Gutiérrez, R.; De Juana, E.; Lorenzo, J. A. 2005. Lista de las aves de España. **Sociedad Española de Ornitología**. Disponível em <<http://www.seo.org/media/docs/Lista>>. Acesso em 14 de setembro de 2005.
- Cooke, W. W. 1884. Bird nomenclature of the Chippewa Indians. **Auk**, **1** (3): 242-250.
- Costa, H.; Araújo, A.; Farinha, J. C.; Poças, M. C.; Machado, A. M. 2000. **Nomes portugueses das aves do Paleártico Ocidental**. Assírio & Alvim, Lisboa, Portugal, 181pp.
- Dawkins, R. 1989. O gene egoísta. Gradiva, Lisboa, Portugal, 460pp.
- Diamond, J. 1994. Stinking birds and burning books. **Natural History**, **103**: 4-12.
- D'Olive Campos, M. 2002. Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e práticas? In: Amorozo, M. C. M.; Ming, L. C. & Silva, S. P. (eds). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. UNESP/CNPq, Rio Claro, Brasil, p.47-92.
- Doran, E. W. 1903. The vernacular names of birds. **Auk**, **20**: 38-42.
- Dumbacher, J. P. 1999. Evolution of toxicity in Pitohuis: I. Effects of homobatrachotoxin on chewing lice (Order Phthiraptera). **Auk**, **116** (4): 957-963.
- Dumbacher, J. P.; Beehler, B. M.; Spander, T. F. Garraffo, H. M.; Dally, J. W. 1992. Homobatrachotoxin in the genus Pitohui: chemical defense in birds? **Science**, **258**: 799-801.
- Eisenmann, E.; Poor, H. H. 1946. Suggested principles for vernacular nomenclature. **Wilson Bulletin**, **58** (4): 210-215.
- Farias, G. B.; Brito, M. T.; Pacheco, L. G. 1995. **Lista preliminar das aves do estado de Pernambuco**. O Autor, Recife, Brasil, 44pp.
- Farias, G. B.; Brito, M. T.; Pacheco, L. G. 2000. **Aves de Pernambuco e seus Nomes Populares**. Editora Universitária da UFPE, Recife, Brasil, 55pp.
- Feld, S. 1977. Ethno-ornithology of the Mount Bosavi region. **New Guinea Bird Society Newsletter**, **132**: 9-10.
- Feld, S. 1982. **Sound and sentiment: birds, weeping, poetics, and song in Kaluli expression**. UPENN, Pennsylvania, USA, 312pp.
- Forth, G. 1998. Things that go po in the night: the classification of birds, sounds, and spirits among the Nage of Eastern Indonesia. **Journal of Ethnobiology**, **18** (2): 189-209.
- Forth, G. 2000. Eastern Sumbanese bird classification. **Journal of Ethnobiology**, **20** (2): 161-192.
- Forbes, W. A. 1881. Eleven weeks in north-eastern Brazil. **Ibis**, **4** (5): 312-362.
- Friedrich, P. 1997. An avian and aphrodisian reading of Homer's Odyssey. **American Anthropologist**, **99** (2): 306-320.
- Frish, J. D. 1981. **Aves brasileiras**. Dalgas-Ecoltec, São Paulo, Brasil, 353pp.
- Galaty, J. G. 1998. The Massai ornithorium: tropic flights of avian imagination in Africa. **Ethnology Abstracts**, **37** (3): 209-226.
- Garcia, R. 1929. Nomes de aves em língua Tupi. **Boletim do Museu Nacional**, **5** (3): 1-54.
- Giannini, I. V. 1991. **A ave resgatada: a impossibilidade de leveza do ser**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Brasil, 205pp.
- Goeldi, E. 1894. **As aves do Brasil**. Livraria Clássica de Alves & Cia, Rio de Janeiro, Brasil, 311pp.
- Griscom, L. 1947. Common sense in common names. **Wilson Bulletin**, **59** (3): 131-137.

- Hage, P.; Miller, W. R. 1976. 'Eagle' = 'Bird': a note on the structure and evolution of Shoshoni ethnoornithological nomenclature. **American Ethnologist**, **3** (3): 481-488.
- Harris, M. 2000. **Teorías sobre la cultura en la era posmoderna**. Crítica, Barcelona, Espanha, 217pp.
- Healey, C. 1993. Folk Taxonomy and Mythology of birds of Paradise in the New Guinea Highlands. **Ethnology**, **32** (1): 19-34.
- Hoffman, W. J. 1885. Bird names of the Selish, Pah-Uta and Shoshoni Indians. **Auk**, **2** (7): 7-10.
- Ichikawa, M. 1998. The birds as indicators of the invisible world: ethno-ornithology of the Mbuti hunter-gatherers. **African Study Monographs**, **25** (Suppl.): 105-121.
- Ihering, H. V. 1899. As aves do Estado de São Paulo. **Revista do Museu Paulista**, **3**: 113-479.
- Jensen, A. A. 1985. **Sistemas indígenas de classificação de aves: aspectos comparativos, ecológicos e evolutivos**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Brasil, 222pp.
- Kizungu, B.; Ntabaza, M.; Mburunge, M. 1998. Ethno-ornithology of the Tembo in eastern DRC (former Zaire): part one, Kalehe Zone. **African Study Monographs**, **19** (2): 103-113.
- Ladd, E. J. 1963. **Zuni ethno-ornithology**. MSc Thesis, University of New México, USA, 137 pp.
- Majnep, I. S.; Bulmer, R. 1977. **Birds of my Kalam country**. Auckland University Press, Auckland, New Zealand, 219pp.
- Marques, J. G. W. 1995. **Pescando Pescadores: etnoecologia abrangente no baixo São Francisco**. NUPAUB/ USP, São Paulo, Brasil, 304pp.
- Marques, J. G. W. 1998. "Do canto bonito ao berro do bode": percepção do comportamento de vocalizações de aves entre camponeses alagoanos. **Revista de Etologia (nº especial)**: 71-85.
- Marques, J. G. W. 1999. **Da gargalhada ao pranto. Inserção etnoecológica da vocalização de aves em ecossistemas rurais do Brasil**. Tese de Professor Titular, Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil, 144pp.
- Marques, J. G. W. 2002. O sinal das aves. Uma tipologia sugestiva para uma etnoecologia com bases semióticas. In: Albuquerque, U. P.; Alves, A. G. C.; Lins e Silva, A. C. B. & Silva, V. A. (ed.). **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. SBEE, Recife, Brasil, p.87-96.
- Maxwell, A. R. 1969. Kedayan ethno-ornithology – a preliminary report. **Brunei Museum Journal**, **1** (1): 197-217.
- Mearns, E. A. 1896. Ornithological vocabulary of the Moki Indians. **American Anthropologist**, **9** (12): 391-403.
- Medeiros-Neto, J. M.; Arruda, A. A.; Albuquerque, H. N. 1997. Um enfoque etnoecológico sobre o fura barreira (*Nystalus maculatus*: Bucconidae) na região do município de Soledade (PB). **Resumos do VI Congresso Brasileiro de Ornitologia**, Belo Horizonte, Brasil, p.117.
- Nomura, H. 1996. **Avifauna no folclore**. Fundação Vingt-Um Rosado, Secretaria de Educação, Cultura e Desporto do Rio Grande do Norte, Mossoró, Brasil, 153pp.
- Pacheco, J. F. 2000. A ornitologia descobre o sertão: um balanço do conhecimento da avifauna da caatinga dos primórdios aos anos 1950. In: Straube, F. C.; Argel-de-Oliveira, M. M. & Cândido-Júnior, J. F. (ed.). **Ornitologia brasileira no século XX**. UNISUL/ SOB, Curitiba, Brasil, p.11-70.
- Pacheco, J. F. 2001. *Tangara* – gênero de uns, ainda que nome vulgar de outros! **Tangara**, **1** (1): 5:11.
- Pacheco, J. F.; Rajão, H. B. 1993. As aves paraibanas do livro de Heretiano Zenaide – a identificação científica das espécies mencionadas. **Resumos do III Congresso Brasileiro de Ornitologia**, Pelotas, Brasil, p.55.
- Pinto, O. M. O. 1938. Catálogo das aves do Brasil e lista dos exemplares do que as representam no Museu Paulista. 1ª parte. Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines excluída a Fam. Tyrannidae e seguintes. **Revista do Museu Paulista**, **22**: 1-566.
- Pinto, O. M. O. 1944. **Catálogo das aves do Brasil e lista dos exemplares existentes na coleção do Departamento de Zoologia. 2ª parte. Ordem Passeriformes (continuação) Superfamília Tyrannoidea e Subordem Passeres**. Departamento de Zoologia, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, São Paulo, Brasil, 699 pp.
- Pinto, O. M. O. 1978. **Novo catálogo das aves do Brasil**. Primeira Parte. Empr. Graf. Revista dos Tribunais, São Paulo, Brasil, 446pp.
- Rozzi, R. 2004. Implicaciones éticas de narrativas Yaganes e Mapuches sobre las aves de los bosques templados de Sudamérica Austral. **Ornitologia Neotropical**, **15** (Suppl.): 435-444.
- Russell, P. N.; West, G. C. 2003. **Bird traditions of the Lime Village Área Dana'ina Upper Story River Ethno-ornithology**. UAF, Fairbanks, Alaska, USA, 206pp.
- Santos, E. 1960. **Pássaros do Brasil: vida e costumes**. Tupy, Rio de Janeiro, Brasil, 281pp.
- Santos, E. 1990. **Da ema ao beija-flor**. Villa Rica, Belo Horizonte, 396pp.
- Sick, H. 1997. **Ornitologia brasileira**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, Brasil, 862pp.
- Speck, F. G. 1946. Bird nomenclature and song interpretation of the Canadian Delaware: an essay in ethno-ornithology. **Journal of the Washington Academy of Sciences**, **36** (8): 249-258.
- Stone, W. 1920. Popular nomenclature. **Auk**, **37**: 501-503.
- Teixeira, D. M. 1992. Perspectivas da etno-ornitologia no Brasil: o exemplo de um estudo sobre a "tapiragem". **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, **8** (1): 113-121.
- Teixeira, D. M. 1996. Porque os jacus foram denominados Penelope? **Resumos do V Congresso Brasileiro de Ornitologia**, Campinas, Brasil, p.120.
- Teschauer, C. 1925. **Avifauna e flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras e americanas**. Edição da Livraria do Globo, Porto Alegre, Brasil, 280pp.
- Trotter, S. 1909. An inquiry into the history of the current english names of North American. **Auk**, **26**: 346-363.
- Verheijen, J. A. J. 1963. Bird-names in Manggarai, Flores, Indonésia. **Anthropos**, **58**: 677-718.
- Vieira, C. O. C. 1936. Nomes vulgares de aves do Brasil. **Revista do Museu Paulista**, **20**: 437-89.
- Vuilleumier, F. 1999. Sobre la necesidad de estandarizar los nombres em castellano y portugués de las aves neotropicales. **Ornitologia Neotropical**, **10**: 69-75.
- Willis, E. O.; Oniki, Y. 1991. **Nomes gerais para as aves brasileiras**. Américo Brasiliense, São Paulo, Brasil, 55pp.
- Withoft, J. 1946a. Some eastern Cherokee bird stories. **Journal of the Washington Academy of Sciences**, **36** (6): 177-180.
- Withoft, J. 1946b. Bird Lore of the eastern Cherokee. **Journal of the Washington Academy of Sciences**, **36** (11): 372-384.
- Zenaide, H. 1953. **Aves da Paraíba**. Teone, João Pessoa, Brasil, 215pp.